

AdUFRJ

ESPECIAL JORNAL DA

Nº 1223 • 14 de abril de 2022 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj



VOLTEI, AQUI É MEU LUGAR



“



THALES BARRETO GONÇALVES
Estudante do 5º período de Filosofia

É UMA MISTURA DE FELICIDADE E SAUDADE DE UMA COISA QUE NÃO ACONTECEU

“Hoje eu senti do lado de um colega com quem fiz muitos trabalhos durante a pandemia e eu não o reconheci. Falamos tanto em chamada sem abrir câmera e sem foto que eu senti do lado dele, conversei e demoramos a perceber quem a gente era um para o outro. É uma mistura de felicidade e saudade de uma coisa que não aconteceu”



EDITORIAL

CAR@ COLEGA,

DIRETORIA

Felicidade, acolhimento, alegria, conforto, emoção, ansiedade, integração, reencontro, apoio, interação, saudade... A profusão de sentimentos que invadiu professores, alunos e técnicos da UFRJ, expressa nos depoimentos que compõem esta edição especial do **Jornal da AdUFRJ** dedicada ao retorno das aulas presenciais, não pode ser medida em uma só palavra. Na segunda-feira (11), ao colocar de novo os pés nos campi do Fundão e da Praia Vermelha, de Caxias e Macaé, no IFCS, na Faculdade de Direito e em outras unidades da universidade, todos experimentaram a mesma sensação de pertencimento a um lugar do qual jamais gostariam de ter se afastado. O samba “Voltei”, cujos versos encabeçam as páginas a seguir, talvez resuma essa profusão de sentimentos em uma frase tão simples quanto definitiva: “Aqui é o meu lugar”.

Ana Lúcia Cunha Fernandes, professora da Faculdade de Educação e diretora da AdUFRJ, acha que essa sensação vai perdurar ainda algum tempo. “A sensação que eu tenho é de que será assim, ao longo desta semana, vários primeiros dias. Porque a cada dia que eu encontrar alguém, algum professor ou aluno diferente, será um novo primeiro dia”, disse a professora, que conciliou o retorno às salas de aula com o “plantão” de dirigente sindical na banca da AdUFRJ na Praia Vermelha, onde antigos e novos professores, e também alunos e técnicos, puderam conhecer um pouco mais sobre as ações do maior sindicato de docentes de universidades federais do país.

Mesmo docentes experientes viveram momentos de estímulos. “Dou aulas há 40 anos e fiquei ansioso como jamais fiquei. Acho que nunca demorei tanto para preparar uma aula”, confessou o presidente da AdUFRJ, João Torres, professor do Instituto de Física. A ansiedade foi cedendo a cada cumprimento, punho com punho, a alunos que João só conhecia pela tela do computador, e foi se transformando em uma sensação que o experiente professor não vai esquecer. “A alegria de estar de novo com os alunos em sala de aula superou tudo”.

A alegria teve que superar até mesmo alguns problemas no retorno às aulas. As imensas filas para os bandejeões do Fundão e da Praia Vermelha, por exemplo, que o digam. Claro que o bate-papo na fila de espera, tão adiado, ajudou a passar o tempo, mas teve gente que ficou duas horas em pé para conseguir comer — com o agravante de ficar debaixo de sol forte. As filas nos bandejeões foram tema levado pelos estudantes ao Conselho Universitário da quinta-feira (14). O reitor em exercício, professor Carlos Frederico Leão Rocha,

informou que a reitoria corre para abrir um novo restaurante universitário no espaço do antigo Burguesão, no CT, busca outros pontos de alimentação e pretende criar um sistema online para fazer o agendamento da refeição nos bandejeões.

O transporte foi outro problema evidente nos primeiros dias do retorno, sobretudo para o acesso e a circulação interna na Cidade Universitária. A linha que faz o itinerário Nova América-Cidade Universitária, por exemplo, estava com intervalos de uma hora e meia na segunda-feira (11). Nos horários de pico, os ônibus internos ficaram lotados. O prefeito da Cidade Universitária, Marcos Maldonado, disse que veículos lotados não são um problema só de sua área de atuação, mas de todo o Rio de Janeiro. “O trem está assim, o BRT está assim”, ponderou ele, que garantiu intervalos regularizados, com saídas a cada oito minutos, para os ônibus internos. Sobre as linhas regulares, o prefeito disse que a universidade está pressionando as empresas a aumentar o número de ônibus e a reduzir os intervalos.

Se os problemas de transporte e alimentação restaram claros nos primeiros dias do retorno, o mesmo se pode dizer das manifestações de afeto. Do pai que foi deixar a filha na porta do CT levando o cachorro de casa a tiracolo, e ainda fez questão de tirar uma selfie, todo orgulhoso. Da mãe que levou o filho até o primeiro degrau da escada e deu um abraço tão apertado, como se não fosse mais vê-lo. O acolhimento foi o mote no Fundão, na Praia Vermelha, em todo o canto da UFRJ. A Escola de Química, por exemplo, preparou um café da manhã para alunos, professores e técnicos. “Mesmo com as máscaras, a gente percebe os olhinhos emocionados. As salas estão todas cheias, os alunos vieram no primeiro dia e isso é muito gratificante”, disse a diretora, professora Fabiana Valéria da Fonseca.

Não teve mesmo máscara que escondesse a emoção. A professora Juliany Rodrigues, diretora do Campus Caxias, lembrou que os que ali estavam sobreviveram à covid-19. “Pela vida das pessoas que estamos recebendo, pela minha vida e a vida dos meus colegas. Porque sobrevivemos e temos a oportunidade de retornar ao presencial”, disse ela, emocionada. “Uma parcela dos nossos alunos teve muitas dificuldades com o ensino remoto, outros sofreram perdas nos desastres recentes em Petrópolis e na Baixada. Então tê-los aqui é muito bom”, lembrou Vania Godinho, técnica-administrativa da decania do CLA. “É uma mistura de felicidade e saudade de uma coisa que não aconteceu”, resumiu o aluno Thales Barreto Gonçalves, do 5º período de Filosofia.

Mais uma vez o samba pode nos ajudar. Quem sabe todos os que estão voltando não pudessem cantar: “Minha emoção é grande, a saudade era maior”.

CAROLINE ANTUNES/PR/18/10/2019



IMAGEM DA SEMANA

GOVERNO IMPÕE SIGILO DE UM SÉCULO SOBRE VISITAS DE PASTORES

■ Sob a justificativa de proteger a vida de Jair Bolsonaro, o Gabinete de Segurança Institucional negou o pedido de informações da imprensa sobre os encontros do presidente com os pastores Airlton Moura e Gilmar dos Santos (na foto ao lado, em visita oficial de 2019). Os dois são suspeitos de intermediar a liberação de verbas do MEC em troca de propinas das prefeituras. O Planalto ainda impôs sigilo de 100 anos sobre os encontros. O PSB tenta derrubar a medida no Supremo Tribunal Federal.

CONVÊNIOS

■ Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



PSICARE PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



INSPIRE ENERGIA SOLAR

Voltei, aqui é meu lugar, minha emoção é grande

Campus da inspiração, das novas alegrias e dos velhos problemas

ALEXANDRE MEDEIROS, ANA BEATRIZ MAGNO, BEATRIZ COUTINHO, ESTELA MAGALHÃES RIBEIRO, KELVIN MELO, LUCAS ABREU E SILVANA SÁ
comunica@adufjr.org.br

A vida voltou à UFRJ em forma de abraço e em corpo de alun@s, professores e técnicos. Na última segunda-feira, 11, a graduação retornou integralmente ao presencial na maior federal do país. São mais de 60 mil estudantes, quatro mil docentes e nove mil servidores administrativos pelos campi, todos juntos e misturados num burburinho que não silencia os velhos problemas estruturais da universidade, mas ameniza a dor de dois anos de pandemia e ensino remoto.

Para receber novos e velhos alunos, todos os cursos passaram a primeira semana com intensa programação de acolhimento que incluiu desde trotes e aulas inaugurais até concertos. Um dos momentos mais emocionantes ocorreu na quarta-feira, 13, no Palácio Universitário, com o coletivo Choro na Rua que celebrou Pixinguinha, gênio da nossa cultura: uma das formas de a universidade inspirar e ser inspirada por múltiplas manifestações de afeto, cultura e saber.

No Fundão, a Escola de Química, por exemplo, preparou um café da manhã para alunos, professores e técnicos. “Foram dois anos de afastamento, estamos recebendo ‘calouros’ do quinto período até o primeiro, que nunca estiveram na Escola”, lembrou a diretora, professora Fabiana Valéria da Fonseca. “A gente percebe os olhinhos emocionados”.

Mas nem todas as emoções foram boas nessa primeira semana em que, segundo estimativa da Prefeitura Universitária, circularam em média 60 mil pessoas por dia somente no Fundão. Muita gente e pouca alternativa para a alimentação. Todos os bandejeões do Fundão, Centro e Praia Vermelha apresentaram filas gigantes, com espera de até duas horas. “Cheguei às 11h no bandejeão que estava absurdamente lotado para esse horário, comparado com 2019: 1h20 depois consegui entrar. Uma amiga minha demorou duas horas até poder almoçar”, contou Gabriel Fernandes, do 6º período da Escola de Belas Artes.



ANDRÉA SALGADO
Vice-diretora da Escola de Química

PROBLEMAS VÃO ACONTECER, MAS O IMPORTANTE É A VONTADE PARA TORNAR A UFRJ AQUILO QUE ELA SEMPRE FOI

“A minha expectativa é muito alta. A gente sabe que haverá um período de adaptação. A gente sente que muitos alunos tinham vontade de conhecer a UFRJ. Problemas com certeza vão acontecer nesse processo, mas o mais importante é a nossa vontade e a nossa determinação para fazermos o que nós sabemos e tornar a UFRJ aquilo que ela sempre foi”

O assunto foi levado pelos estudantes ao Conselho Universitário do dia 14. O reitor em exercício, professor Carlos Frederico Leão Rocha, atribuiu o problema à crise econômica do país. “Acho que isso aumentou a demanda pelo bandejeão”, disse. A reitoria tenta abrir um restaurante universitário no antigo Burguesão (no Bloco H do CT) e procura outros pontos de distribuição da alimentação. “Vamos ativar um sistema online para fazer o agendamento da refeição”, completou.

O acesso à Cidade Universitária também foi dificultado nos primeiros dias. “Os ônibus estão muito cheios”, reclamou a aluna Larissa Andrade, do 5º período

da Faculdade de Letras. “Este não é só um problema da Cidade Universitária, é de todo o Rio de Janeiro”, justifica o prefeito Marcos Maldonado. “Estamos tentando solucionar com as empresas, mas os intervalos dos ônibus internos estão regularizados, com saídas a cada oito minutos”.

Apesar dos “perrengues”, os estudantes são unânimes ao afirmarem que nada substituiu o encontro. “Estou na metade do meu curso e nunca consegui me sentir aluna da UFRJ”, disse a estudante Heloísa Lacerda, da Biologia. “Hoje, pisando aqui, tenho a sensação de ter sido roubada da vivência que eu tinha direito de

experimentar, mas finalmente me sinto parte da universidade”.

Para a professora Juliany Rodrigues, diretora de Caxias, gratidão é a palavra do momento. “Pela vida das pessoas que estamos recebendo, pela minha vida e a vida dos meus colegas. Porque sobrevivemos”. Naquele campus, as máscaras se tornaram um dilema para alguns professores durante as aulas, por conta do calor excessivo. A climatização das salas ainda é um problema devido a falhas elétricas. “Está tudo funcionando dentro das possibilidades”.

Em Macaé, a saudade deu lugar à alegria, mas o momento também é de readaptação. “Procuramos seguir as recomendações do GT Pós-Pandemia dentro das possibilidades de nossa realidade. Não há muito o que se fazer com relação à estrutura”, pontuou Karine Verdoorn, diretora da AdUFRJ e professora de Macaé. Os corredores cheios acalantam o coração. “É muito bom presenciar esse movimento”.

A empolgação da volta não apaga as preocupações com a pandemia. Ainda restam dúvidas sobre a aplicação de regras sanitárias. “Temos uma portaria que diz que é necessário usar máscaras nos prédios, mas estamos vendo pessoas sem máscaras. O que se faz nessa situação?”, questionou o professor Antonio José de Oliveira, diretor da Faculdade de Administração. Também há dificuldades na verificação da vacina nos acessos à Praia Vermelha. No IFCS, Direito e reitoria, a cobrança das doses foi realizada na entrada.

Apesar dos pesares, a universidade está viva e se mostra como lugar de encontro dos saberes. E isso se manifesta às vezes de forma inesperada. Os estudantes que aguardavam na fila para o bandejeão da Letras foram brindados com uma apresentação de piano do estudante João Mello, do Instituto de Química. Hoje no 8º período, ele descobriu o piano — no pátio interno da Letras — há alguns anos e, sempre que pode, vai lá praticar. “Já fiz muitas amizades ali. Esperava que ele estivesse desafinado após dois anos de pandemia. Mas ele está afinado”, comemorou.

ESTELA MAGALHÃES RIBEIRO



FOTOS: ALESSANDRO COSTA



CT E CCMN | A saudade era maior, e voltei pra ficar

A equação do reencontro e seus múltiplos abraços

O dia 11 amanheceu com abraços apertados e muitas selfies na entrada dos prédios do Centro de Tecnologia e do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Todo mundo queria trocar um afago com o colega ou com a colega que só viu na telinha de computador por mais de dois anos de pandemia. Calouros tiravam fotos em frente às fachadas ou na conhecida moeda gigante da Minerva, ao lado do auditório do CT. Não bastava estar na UFRJ. Era preciso levar um pouco dela para casa, mostrar para amigos e familiares nas redes sociais.

Após tanto tempo de afastamento, também era preciso acolher os que chegavam da melhor forma possível. A professora Nedir do Espírito Santo, diretora da AdUFRJ, distribuiu kits de boas-vindas do sindicato aos colegas, no saguão do bloco A do CT. “Foi comovente e até surpreendente a tamanha receptividade que as pessoas tiveram com os nossos materiais. Pareciam crianças recebendo presentes”, contou. “Foi uma atividade de aproximação também. Abraçar sem dar o abraço físico, de acolhimento”.

Outras iniciativas de acolhimento estavam espalhadas pela UFRJ. A Engenharia Mecânica preparou um lanche de recepção para “quebrar o gelo” com os calouros. O professor Vítor Romano, coordenador do curso, estava preocupado que não pudessem acessar os bandejões universitários, ainda por falta de uma carteira de identificação estudantil. “A gente sempre fez isso. É uma forma de aproximação. Alguns até almoçaram lá”.

Para a maioria da comunidade, foi muito mais complexo fazer uma refeição. O tradicional restaurante Burguesão, frequentado por muitos docentes, fechou as portas. Será transformado em um bandejão estudantil ainda este ano. “Fiquei muito triste quando soube que o Burguesão tinha fechado. Era um



FERNANDA CARRILHO
Estudante do 2º período de Engenharia Civil

ESTÁ SENDO UMA EXPERIÊNCIA MUITO BOA

“No ensino remoto, muita gente tinha vergonha de se comunicar com os professores. Nessa primeira semana presencial, tive professores muito bons. Que queriam se comunicar com a gente, deixar a aula um pouco mais dinâmica. Adorei a biblioteca. Vai ajudar muito. Eu, particularmente, não vou ter condições de comprar os livros. Tem muitos livros de Cálculo, de Física. E o CAEng (centro acadêmico) tem um espaço de descanso e confraternização muito bom. Nesse começo, está sendo uma experiência muito boa.”

espaço muito agradável. E muitos dos trailers ainda não abriram”, relatou o professor Paulo Amorim, do Instituto de Matemática.

Já os estudantes penaram para acessar os bandejões. Fernanda Carrilho, do segundo período de Engenharia Civil, estava com amigos na fila do restaurante do CT, mas resolveu tentar a sorte no Bandeirão Central. “Demorei duas horas e quarenta minutos na fila, debaixo de sol. Usei meu guarda-chuva como guarda-sol”, disse Fernanda, que perdeu a primeira aula da tarde.

A estudante ainda estava no bandeirão quando o presidente da Academia Brasileira de Ciências, professor Luiz Davidovich, falou no auditório Roxinho (do CCMN) sobre a origem de boa parte dos problemas das universidades e institutos de pesquisa, nos últimos quatro anos. “Anos muito difíceis. Não só de cortes na Ciência, mas de negação da Ciência”, disse, na aula inaugural do Instituto de Física. “É importante entender que Ciência e Inovação se fazem através de décadas. São necessárias décadas de apoio contínuo e sustentado para ter resultados importantes para a população brasileira”.

ESCOLA DE QUÍMICA

Mas, na universidade, as lições não são exclusividade de auditórios, salas ou laboratórios. No salão nobre da decania do CT, a cerimônia de posse da primeira direção inteiramente feminina nos 88 anos da Escola de Química — formada pelas professoras Fabiana Valéria da Fonseca (diretora) e Andréa Salgado (vice) —, no dia 12, demonstrou isso. “Dizer o que isso representa nos tempos atuais é falar não só da importância e da sensibilidade feminina. Mas afirmar que cada mulher é sujeito da sua história, devendo ser respeitada e apoiada em suas escolhas”, disse Andréa em seu discurso. “Desafios não nos faltam. Mas, como dizia Sócrates, uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida”.

FOTOS: ALESSANDRO COSTA



CCS E CLA | Meu bem, como dói a solidão

E o CCS virou Centro de Ciências da Saudade

A saudade dos corredores cheios não escondeu os velhos problemas da maior unidade da UFRJ, o Centro de Ciências da Saúde (CCS). Os problemas crônicos — banheiros precários, goteiras e paredes com mofo — saudaram calouros e conhecidos da casa. No percurso para a faculdade, os ônibus lotados e BRTs com as portas abertas em movimento já prenunciavam as dificuldades. “Saímos com três horas de antecedência e não chegamos”, desabafa Luísa Cavalcante, estudante do 5º período de Enfermagem.

No bandeirão, as filas gigantescas assustavam os estudantes, que ficaram debaixo do sol esperando por mais de uma hora.

Após dois anos de universidade virtual, calouro não é apenas o aluno do primeiro período. Quem cursou metade da graduação em casa também sentiu o frio na barriga de pisar na faculdade pela primeira vez: “Perdi todo o meu ciclo básico, mas estou feliz. O momento é agora”, conta determinada a estudante do 4º período de Ciências Biológicas, Leticia Nascimento.

As turmas cheias confirmam a saudade e animação. “Eles estavam ansiosos, perguntando muito. No remoto, são sempre os mesmos indivíduos que participam. No presencial, a participação é maior, mais democrática”, observa o professor Norton Heise, da Nutrição. Mesma opinião do professor Ricardo Reis, da Odontologia. “Desde segunda, quando a turma iniciou o curso, ela está cheia. Ou seja, claramente as pessoas querem voltar ao presencial. A UFRJ nunca esteve tão participativa”, comemora o professor, na frente da sala, com todos os alunos de máscaras.

Os problemas estruturais, no entanto, seguem graves no CCS. No auditório do bloco N, a palestra “Acolhimento UFRJ”, com o objetivo de apresentar o funcionamento da Universidade para os calouros, aconteceu no calor. Os dois aparelhos



VANIA GODINHO
Técnica-administrativa da Decania do CLA

A GENTE SE DEDICOU DA MELHOR FORMA PARA ACOLHER OS ESTUDANTES

“Fiquei muito preocupada mas, ao mesmo tempo, muito feliz por ver os alunos retornarem. A gente se dedicou da melhor forma para acolher os estudantes. São muitas demandas, de várias ordens. Eles atenderam ao chamado do retorno presencial. Uma parcela dos nossos alunos teve muitas dificuldades com o ensino remoto, outros sofreram perdas nos desastres recentes em Petrópolis e na Baixada. Então tê-los aqui é muito bom. Estou feliz por essa volta da vida universitária”

de ar-condicionado estavam quebrados. Na Escola de Educação Física (EEFD), a precariedade também continua.

“Nós temos um número de estudantes infinitamente maior do que o número de espaços disponíveis para a aula. Então, nós já tínhamos um problema; agora ele só aumentou, porque não foi resolvido”, explica a diretora da Katya Gualter. “Ain-

da assim, meu sentimento é profunda emoção. Chegar e encontrar esses corpos coabitando esses espaços revitaliza”, reconhece a professora, com o mesmo sentimento esperançoso da estudante Tamires Costa. “Tocar, sentir o cheiro sem estar mediado pela tela. É esperançoso voltar ao presencial”.

A ARTE DO ACOLHIMENTO

O prédio que reúne os maiores problemas estruturais da universidade é o edifício Jorge Machado Moreira, que abriga a reitoria e os cursos da Escola de Belas Artes (EBA), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR). Atendido por dois incêndios em cinco anos, o prédio ainda passa por reformas e reforço de pilares danificados pelo tempo. No primeiro dia de aulas, a decania do Centro de Letras e Artes, que funciona no térreo do prédio, montou uma atividade para calouros e veteranos.

“O acolhimento começou do lado de fora, com a organização dos alunos e esclarecimento de dúvidas sobre acesso e comprovante de vacinação”, conta a servidora Vânia Godinho. “Temos alunos do primeiro ao quinto períodos que estão inaugurando os espaços da universidade. Ficamos com medo que eles não se adaptassem, não encontrassem suas salas, acessassem algum espaço em obras. Era realmente necessário esse trabalho de orientação”, avalia a técnica-administrativa.

Dos quatro elevadores do prédio, apenas um funciona. “Damos prioridade para pessoas com mobilidade reduzida ou deficiência e orientamos todos os outros a utilizarem as escadas”, explica a servidora. A equipe também montou um mini manual do aluno, com orientações diversas sobre a UFRJ.

Apesar do esforço, ainda houve quem se perdesse. Laila dos Anjos, do segundo período da FAU, procurava uma sala. “Estou muito ansiosa com este retorno”, comemora. Ela começou a estudar na UFRJ em 2021.2 e viveu muitas dificuldades com o ensino remoto. “Na minha casa acontecem muitas coisas, eu não tenho estrutura para estudar lá”, conta a aluna. “Estar aqui presencialmente é um sonho. Espero que seja meu recomeço”.

FOTOS: ALESSANDRO COSTA



Praia Vermelha | Senti falta do teu beijo

‘Acolhimento’ foi a palavra de ordem na Praia Vermelha

A preocupação em receber os alunos, sobretudo os calouros e os que ainda não haviam tido aulas presenciais por conta da pandemia, foi a marca das ações de recepção organizadas por direções de unidades e centros acadêmicos da Praia Vermelha. Quem deu o tom foi o professor emérito Marcio Tavares d’Amaral, da ECO, na abertura do Ecomeço, evento organizado para receber os novos alunos: “Nosso trabalho aqui, numa Escola de Comunicação, é afirmar na cara do mundo que a verdade existe e que nós a procuramos. Meu jovem coração de velho está indelicadamente feliz de ver vocês aqui”, disse o professor, que acaba de completar 75 anos.

O Ecomeço recebeu os alunos no tradicional laguinho do Palácio, mas a recepção foi apenas uma das atividades previstas. Na segunda-feira (11), o professor Muniz Sodré deu a aula inaugural do curso. “É um super Ecomeço, feito para dar conta de acolher toda essa diferença, nesse contexto de fragilidade e vulnerabilidade em que estamos. De 1.280 estudantes de graduação, 600 nunca pisaram aqui”, explicou a professora Suzy dos Santos, diretora da Eco.

A semana também foi dedicada à recepção dos alunos no Instituto de Psicologia. O Centro Acadêmico organizou a Semana de Ambientação de Novos Alunos (Sana), com atividades de integração e apresentação do campus. A direção do instituto apoiou a iniciativa, e suspendeu as aulas da primeira semana. “A Sana já acontece há muitos anos. Normalmente ela é para os alunos do primeiro período, mas dessa vez expandimos”, explicou Mykaella Moreira dos Anjos, do CA da Psicologia.

Já a direção da Faculdade de Educação organizou um café da manhã para os alunos. A atividade também contou com apresentação de poesia e a confecção de cartazes, feitos pelos estudantes. “Estamos



ANA LÚCIA CUNHA FERNANDES
Professora da Faculdade de Educação e diretora da AdUFRJ

A CADA DIA SERÁ UM NOVO PRIMEIRO DIA

“Foi realmente muito emocionante. Ver os alunos sendo recebidos em uma atividade de acolhimento da Faculdade de Educação, reencontrar meu grupo de pesquisa, que eu não via pessoalmente há dois anos, ver todos esses jovens circulando pelo campus e conhecendo tudo. E a sensação que eu tenho é de que será assim, ao longo desta semana, vários primeiros dias. Porque a cada dia que eu encontrar alguém, algum professor ou aluno diferente, será um novo primeiro dia”

muito felizes e emocionados de ver o campus com essa alegria. Temos estudantes de terceiro período que nunca pisaram aqui. Acharmos importante fazer essa inserção, para que eles sentissem que esse espaço também é deles”, contou a diretora da faculdade, professora Maria Muanis.

O Instituto de Economia recebeu uma aula inaugural na segunda-feira, e manteve as aulas normais na primeira semana. O professor Carlos Pinkusfeld Bastos também não escondia sua animação, e brincou com o longo período afastado das salas de aula: “Espero não estar enferrujado”. Para ele, o momento é de celebração. “Estou feliz. Vai ser tudo

muito diferente, dar aula para uma turma de quinto período na qual eu não conheço quase ninguém”, contou o professor.

Aluna do professor Carlos Pinkusfeld, Fernanda Maurelli entrou na UFRJ em 2020.1. Seu primeiro dia na universidade foi também o último das atividades presenciais. A experiência no remoto foi bastante complicada para ela, que acredita que não teve a experiência da universidade. “Eu sonhava com a UFRJ, e com aulas remotas eu perdi isso. Era como não estar na universidade. Está sendo uma realização”, contou.

PAULO VAZ

(60 anos)
Professor da Escola de Comunicação da UFRJ e pesquisador 1A do CNPq

● **O senhor fez críticas à última edição do jornal, que celebrou o retorno presencial. Não concorda com a volta das atividades presenciais?**

■ Eu acho que era necessário haver uma política de vulnerabilidade. Haver retorno presencial para aqueles não vulneráveis e deixar à escolha dos vulneráveis se desejassem voltar ou não. Não entendo por que [o ensino] não pode continuar remoto em algumas situações. Não sou contra a volta, só que nós temos um problema na forma de discussão sobre a covid-19 que não trata da questão maior que é a passagem da pandemia para a endemia. Isso não significa o fim do vírus, significa uma nova distribuição do risco e o fim das medidas de controle. Como criaremos condições para que os vulneráveis possam se proteger? A UFRJ não fez isso, não criou essas condições, obrigou todos a voltarem. Eu sou contra a volta ao presencial forçada, por isso me espanto com a AdUFRJ celebrar forçar.

● **Quais seriam as alternativas possíveis?**

■ Não forçar, negociar, tornar a decisão local. Como o Conselho Universitário emite uma regra que obriga um imunossuprimido a ir ao Fundão ser examinado? Por que não aceitar uma autodeclaração? É uma caricatura de vigilância e punição, numa universidade pública. O equívoco fundamental é que os vulneráveis não se limitam aos imunossuprimidos e imunodeprimidos. A covid-19 é especialmente desastrosa para idosos. As congregações poderiam encontrar soluções. O Consuni acha que somos um bando de pessoas que não quer trabalhar?

● **Os estudantes pressionavam pela volta presencial. Não são eles a razão de a universidade existir?**

■ Se eu fosse jovem, com certeza iria querer voltar ao campus. A vida universitária é tão maravilhosa que alguns nunca saem dela. Mas creio que poderiam ter meio-termos, estipular, por exemplo, que na sexta não teria aula presencial, que até 20% do curso pudesse ser remoto. Eu acho que faltou sensibilidade do Consuni, da reitoria. Você acha que os estudantes não seriam solidários se soubessem que aquele professor é vulnerável, que pode morrer?

● **Qual disciplina o senhor ministra? Quantos alunos estão matriculados?**

■ Atuo com Psicologia, Comunicação e Filosofia e passei muito tempo da minha carreira discutindo fator de risco. Sou pesquisador 1A do CNPq, trabalho há muito tempo com Medicina e Comunicação. Tenho 40 alunos nesse semestre. O ideal era que eu tivesse uma turma de 20 para o espaço que terei de trabalho. Vou brigar para ter meu direito trabalhista respeitado. É preciso que a AdUFRJ dê apoio aos professores em vulnerabilidade. Só voltarei ao presencial se a universidade cortar meu pagamento, mas espero que isso não aconteça.



MÁRCIO MERCANTE

Direito e IFCS | Quase morro de desejo,

Nada substitui o encontro: ‘Universidade é gente junta’

O Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) teve uma agenda cheia nesta semana, com eventos de recepção de calouros, visitas guiadas e as primeiras aulas presenciais depois de dois anos de pandemia. “Universidade é aglomeração. Universidade é gente junta, pessoas se encontrando e conversando, e esse contato humano nada substitui”, disse o professor Antônio Carlos Jucá, diretor do Instituto de História. Ele conta que os problemas enfrentados nessa primeira semana foram aqueles típicos de um retorno às aulas e que já aconteciam antes da pandemia, como um computador sem funcionar e alguns problemas de acesso à internet.

Durante a visita guiada pelo Centro Acadêmico de Filosofia, os calouros puderam se familiarizar com o prédio histórico, o funcionamento do restaurante universitário, o uso da biblioteca e receberam até recomendações sobre quais bebedouros funcionam em cada andar e quais são os melhores banheiros da unidade. Thales Barreto é estudante do 5º período de Filosofia e faz parte do grupo de ingressantes do primeiro semestre de 2020, que aproveitou apenas uma semana presencial no IFCS antes da suspensão das aulas. Agora, ele retorna ao prédio para um recomeço tardio. “Eu não me sinto um veterano, sou um calouro disfarçado. Estou ajudando na organização da visita, mas ao mesmo tempo eu mal conheço o prédio. Não sei nem onde é o banheiro!”, contou.

“É claro que dois anos de prédios desocupados deixaram muitas sequelas, então a preparação foi grande, mas isso não impediu que, ao chegar e ocupar os espaços, as pessoas encontrassem problemas que não estavam aparentes justamente pela falta de ocupação e de uso”, explicou o professor Fernando Santoro, diretor do IFCS. “Mas o restaurante universitário estava funcionando e dando vazão



ISABELA BARBOSA
4º período de Direito

TEM UM SENSO DE COLETIVIDADE

“Eu já estava saturada do remoto, nem me esforçava tanto para interagir mais. Era tudo meio solitário, se você estava surtando com alguma coisa não tinha ninguém ali para te apoiar. Agora você olha para o lado e vê na cara da pessoa como ela está, tem um senso de coletividade, já dá um conforto.”

para toda a comunidade, a portaria com controle de vacinação funcionou muito bem, sem criar filas ou impedimentos, as pessoas ocuparam as salas e, principalmente, os espaços coletivos, como o pátio e os jardins”, pontuou o diretor.

A partir do retorno presencial das

atividades, o caminho de casa até a universidade volta a ocupar um tempo na rotina dos estudantes. Tainá Dias é estudante do 1º período de Ciências Sociais e contou sobre a urgência de tirar o Bilhete Único Universitário, especialmente após o aumento da passagem do metrô. “Eu

venho para cá de trem e depois pego o metrô para descer aqui na Uruguiana. Agora que aumentou, gasto R\$ 23 por dia de passagem. Ainda tem a questão do horário, porque eu sou do noturno, então dá um pouco de medo na hora de voltar, tem que ser em grupo”, explicou. Por isso, os estudantes têm se organizado desde a primeira semana para fazer esse trajeto da unidade até o transporte em conjunto e de forma mais segura.

Na Faculdade Nacional de Direito, as atividades acadêmicas estão a todo vapor. “É uma sensação muito boa. Estou vendo meus alunos mais felizes, eles apresentam uma satisfação em estar de volta, de ver os professores ao vivo, ter interação”, contou a professora Carolina Pizoeiro, vice-diretora da FND. Algumas soluções do período de aulas remotas ainda têm lugar no retorno presencial, e a professora explicou que vai manter o Google Sala de Aula como ferramenta para disponibilizar materiais para os alunos, em vez de trazer de volta a pasta de textos impressos.

Estudantes também se mostraram aliviados com o retorno e contentes com a oportunidade de interagir com seus colegas, como é o caso de Isabela Barbosa, do 4º período. “Eu já estava saturada do remoto, nem me esforçava tanto para interagir mais. Era tudo meio solitário, se você estava surtando com alguma coisa não tinha ninguém ali pra te apoiar. Agora você olha pro lado e vê na cara da pessoa como ela está, tem um senso de coletividade, já dá um conforto”, desabafou.

O professor Daniel Capecchi, coordenador da graduação em Direito, falou sobre a emoção de estar de volta e ver as salas de aula cheias de estudantes. “Nós fizemos o melhor para receber os alunos diante das possibilidades. O prédio está todo bem cuidado, fizemos algumas mudanças na estrutura, tem sido um esforço muito grande fazer esse retorno de uma maneira segura. É um desafio que nós estamos enfrentando e vamos conseguir”, disse.



FOTOS: ESTELA MAGALHÃES RIBEIRO

Fiz até esta canção, Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô.



FOTOS: MÁRCIO MERCANTE

VOLTEI

Osvaldo Nunes e Celso Castro, 1967

**Voltei,
Aqui é meu lugar,
Minha emoção é grande,
A saudade era maior,
E voltei pra ficar.**

**Voltei,
Aqui é meu lugar,
Minha emoção é grande,
A saudade era maior,
E voltei pra ficar.**

**Meu bem,
Como dói a solidão,
Senti falta do teu beijo,
Quase morro de desejo,
Fiz até esta canção,
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô.**

**Meu bem,
Como dói a solidão,
Senti falta do teu beijo,
Quase morro de desejo,
Fiz até esta canção,
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô....**



NEDIR DO ESPIRITO SANTO

Professora do Instituto de Matemática e diretora da AdUFRJ

RETOMAMOS AQUELA VIDA QUE FICOU PARADA

“Aquele tempo todo que passamos distanciados acabou, retomamos aquela vida que ficou parada, adormecida, em suspenso. Eu fiquei eufórica! Para mim, o mais emocionante foi reencontrar alunos para quem dei uma disciplina do primeiro período antes da pandemia. Cheguei em sala e encontrei meus alunos, eu fiquei emocionada em poder ver aqueles rostos de novo. A vida voltou com toda força. Foi um êxtase estar de volta”

FOTOS: ALESSANDRO COSTA



MÁRCIO MERCANTE



FOTOS: ESTELA MAGALHÃES RIBEIRO



FOTOS: MÁRCIO MERCANTE



FOTOS: ALESSANDRO COSTA

